

DOSSIÊ DRAMATURGIA DA DANÇA

DRAMATURGIA NA LINGUAGEM DA IMPROVISACÃO EM DANÇA

Dudude

Artista de dança, performer, improvisadora, escritora, diretora de espetáculos. Vive e trabalha entre Belo Horizonte e Casa Branca-Brumadinho –MG. Responsável pela edição das Revistas **Ideias de Festa** (2007) **Ideias de Imagens** (2012). Em 2011 lançou seu **Livro Caderno de Notações-a poética do movimento no espaço de fora**. Segue atuando no campo sensível mantendo sua curiosidade na arte e vida.
Site: www.coisasdedudude.blogspot.com.br//
E-mail: dudude@dudude.com.br
producaodudude@gmail.com

RESUMO

O artigo discorre sobre a potência da Improvisação em dança e lança questões fundamentais para o treinamento da composição em tempo real, uma linguagem que preza por manter a porta aberta para que cada improvisador a redescubra e reivente seu vir a ser.

Palavras-chave: Improvisação, Dança, Efemeridade, Composição, Arte.

ABSTRACT

The article discusses the power of improvisation in dance and throws fundamental questions for the training of composition in real time, a language that cherishes to keep the door open for each improviser to rediscover and reinvent its becoming.

Keywords: Improvisation, Dance, Ephemerality, Composition, Art.

Dramaturgias são quase sempre associadas ao verbo, a escrita textual, mas em se tratando que estamos a abordar Linguagens de cunho artístico e efêmero, na matéria do movimento/ dança, e a tratando como *linguagem*, sendo assim certamente poderemos aqui escavar os infinitos caminhos, percursos e possibilidades que a linguagem da Improvisação em Dança nos oferece e suas também infinitas e possíveis dramaturgias.

No meu entender, *agora*, a linguagem da Improvisação em Dança está diretamente ligada aos modos de perceber o viver ordinário, o *como* vivemos cada um de nós a vida, e a percepção de como lidamos na arte está diretamente ligada ao como lidamos com a vida e em Improvisação isso pode ser escancarado, a maneira que movo, danço é a maneira que vivo e relaciono, e sinceramente acho maravilhosa esta intersecção, conexão de entendimento direto e continuado.

A palavra dramaturgia usada como regra no teatro foi sendo ampliada para outros tantos lugares da expressão de se fazer arte, todo o tempo da criação de "*algo*" estamos elaborando, criando mapas, estratégias, modos operantes de persuasão, receitas, analogias, escutando pistas e organizando um verdadeiro compêndio, vocabulários para estarem sempre guardados na manga para qualquer necessidade de uso no campo improvisacional e também como norte e base estrutural quando se está no espaço de uma improvisação, que podemos fazer uso de uma estrutura, que nomeio aqui de *estruturas ventiladas*.



Como, então poderá ser Dramaturgia para um "improvisador? Como ele a constrói? O que ele persegue? Quais são seus materiais para tal ação? Será que ele se preocupa com esta tal palavra Dramaturgia? Será que ele traça, planeja, mapea suas vontades e desejos sem se importar em nomear de Dramaturgia?

A linguagem da Improvisação em Dança serve para "n" propósitos, dos mais distintos e variados. Improvisa-se para achar caminhos, para nortear desejos ainda sem forma, para criar campos de escavação de algo que se pretende montar em forma de espetáculos, com uma escrita fixada e previsível, serve como matéria para um digamos: processo de criação. Mas a Improvisação em dança, pode sim, ter como sentido e desejo ser tratada como linguagem *fim* de uma pesquisa, de uma experimentação, ou de uma ação normativa de um improvisador.

Improvisadores tem para com a Composição em tempo real a cadeia de produção sensível o material construído no momento presente para compartilhar com a audiência, o aqui e agora!

Como o improvisador poderá lidar com a dramaturgia em si? O que estará na pauta de suas ações de capturas? Como ele pensa dramaturgicamente uma ação improvisatória?

Estarei aqui navegando, flanando nas tantas correlações que esta linguagem proporciona. Linguagem capaz de nutrir um saber de vida incessante e que, cada vez mais, no decorrer dos treinos, me ensina e dilata meu entender de que Improvisação é sim uma linguagem de vida misturada, embolada na linguagem da arte.

Todas estas questões estarão na pauta de entendimento quando se trata da Dramaturgia na linguagem da Improvisação em dança. Seu terreno se constitui de instabilidades, vulnerabilidades, impermanências, improbabilidades, inconstâncias e vários outras sensações atadas às incertezas que atravessam o corpo/espço do improvisador no campo do acontecimento.

Portanto, posso perceber que esta Dramaturgia precisa ser porosa, sujeita a acidentes, a surpresas, pois o fator decisivo será sua habilidade em lidar com !aquilo! que se apresenta na somatória dos eventos.

Dados sucessórios que ocasionam mudanças repentinas, cortes abruptos e presentes oriundos de sua disponibilidade de estar, ser, viver o momento já!

Todas estas considerações as tenho através de treinos na fisicalidade do mover em um tempo largo de vida, intrínseca na arte e no desejo de desvelar por assim dizer "estados de dança" plenos de poesia e memória de futuro, o texto destes tais "estados de dança" se inserem quando é publicado no campo da expressão do instante agora.

E o que poderiam ser "estados de dança"? E o que poderia ser texto na matéria do movimento?

É fato que cada improvisador vai desenvolvendo estratégias de ação, sistematizando seus modos de atuação para com a Improvisação e criando modos de fazer que podem talvez ser nomeados de Dramaturgia improvisacional porosa e susceptível a mudanças dependendo sempre do momento da ação, sujeita a surpresas na somatória dos eventos deste momento.

Tal linguagem tem na ativação da percepção seu aquecimento deflagrador, acionando a fisicalidade no desejo de mover o espaço e deixar que as imagens possam sinalizar ações decorrentes e derivadas deste mover espaço.

Enumero abaixo alguns princípios básicos de entendimento destas percepções:

1) Aquecimento das percepções via sentidos:

- Observação
- Mente espacial
- Escuta refinada
- Farejamento
- Ação

2) Noção de "mais um"

Improvisação em dança necessita de desapego, simplicidade, curiosidade. Ser mais um no espaço do acontecimento, trazendo o Pertencimento com o espaço.

3) Espaço

Espaço é tudo que ali está, inclusive o corpo deste movedor/improvisador. Improvisação sempre atrelada a composição espacial, volume.

4) Tudo fala! Tudo é importante!

Idéia de coisificar. No espaço do acontecimento tudo que ali está tem sua fala e compõe junto. O corpo se dessassocia para associar, criando fragmentos que podem abrir possibilidades de composição inusitadas.
Animados x inanimados

5) Disponibilidade x flexibilidade

Estar atento é estar disponível para qualquer mudança abrupta, o que implica na flexibilidade de mudar a direção quando o espaço solicita. Escuta dilatada, microscopicamente e macroscopicamente.

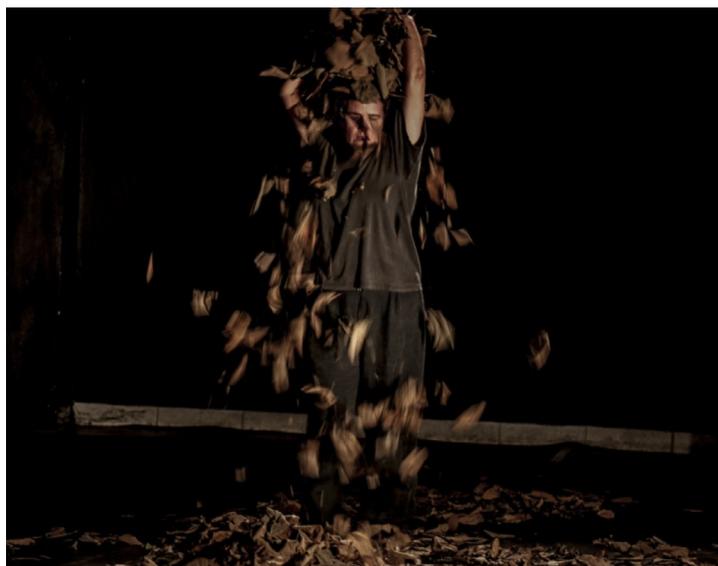


Fig. 2 A primavera deste Tempo.
Foto: Ines Correia.

6) Frequência, intensidade, duração, tempo, decadência, falência.

Atentar à frequência que se instala no espaço, a intensidade da imagem, a possível duração deste campo de imanência, ao tempo de sua aparição e quando tal imagem entra em decadência, acarretando sua falência, fadada ao desaparecimento e novamente tudo de novo outra vez assim, sucessivamente.

7) Linhas de Força

Linhas de força atuantes no espaço do acontecimento, resultantes do movimento que se instala através dos movers/improvisadores, são a matéria prima de uma Improvisação.

Decorrentes dessas linhas, aparecem outras possibilidades como as linhas de fuga, de deslize, de oportunidades de aparição, de desaparecimento ou melhor espaços de possibilidades e as imagens ganham velocidades laboriantes, e o espaço se nutre de poesia, de risco, de rasgo, de traços, de textos dos mais variados. Corpos são atravessados por algo maior, que é simplesmente a energia produzida pelo deslocamento de tais possíveis e prováveis imagens que deslocam e alteram intensidades, o texto vai sendo construído e desmanchado.

8) O fim sempre chega!

Estar sabido que toda ação é seguida de outra e que o fim de uma improvisação é acordado por todos, sendo a única certeza em uma *improvisação*.

9) Variantes

Lidar com as surpresas, saber das errâncias, das vulnerabilidades, como uma canoa que segue o movimento das águas, mantendo uma atenção gentil e presente, apreciando a viagem, sem se esquecer que o leme é seu próprio corpo perceptivo e atento.

10) perceber o humor durante a construção de uma composição em real tempo

11) Instinto, intuição

12) Imprescindível: *i m a g i n a ç ã o*

Tempo de pausa.

Imaginação...

Devaneios...

Para possíveis improvisações.

Em minhas aulas e oficinas sempre costumo ativar o verbo, *falar sobre*, trazer questões que foram produzidas durante o fazer e ao invés de apontar respostas, conduzir propositalmente a uma infinidade de perguntas que se apresentam e motivam o fazer constante, e deixar a todos que ali estão a possibilidade de aventurarem-se por um terreno antes desconhecido.

O desejo de construir e fomentar um repertório para o artista improvisador, sabendo que não há erros e nem acertos, há tentativas na perseguição do presente como eternidade.

Para tanto, uma Dramaturgia possível nesta linguagem, em meu entender, começa pela vontade do risco. Desenhos, traços, mapas sensíveis, vida atravessando a arte sinalizam como bússola e vão construindo uma também dramaturgia sensível sujeita a adaptações, mudanças e descobrimentos, um exercício humano de dança.

Trago agora um pequeno parágrafo de Fayga Ostrower no seu Livro **Acasos e Criação Artística, capítulo 1 – Inspiração e Individualidade**, em que ela aborda o fator acaso, e tomo a liberdade de entrar neste parágrafo com o entendimento de um improvisador.

"Meras coincidências? Incidentes fortuitos? Mas é assim que surgem os acasos significativos e de modo tão puramente circunstancial incendiam nossa imaginação? Talvez seja mais do que apenas isto. Pensando bem, até parecem uma espécie de catalisadores potencializando a criatividade, questionando sentido de nosso fazer e imediatamente redimensionando-o. Talvez contenham mensagens, propostas nossas endereçadas a nós mesmos. Não captaríamos, nesses estranhos acasos, ecos de nosso próprio ser sensível?" (FAYGA, Ostrower. 1990, página 1)

Este é um modo de pensar e atuar diante um processo de criação, escrito por Fayga Ostrower, e que aqui farei uso direcionando para a linguagem da Improvisação em dança. Neste sucinto parágrafo podemos escavar e reconduzi-lo para um treino da Composição em tempo real.

Fayga discorre sobre processos criativos em que o acaso é sim uma oportunidade para alargar e alterar caminhos, neste caso da Improvisação em



Fig. 3 Performance Andarilho. Foto: Adriana Moura.

dança isto é plausível de acontecer todo o tempo e uma Dramaturgia para a linguagem da Improvisação pode ser composta de fragmentos, retalhos, pedaços, costuras descosturadas, remendadas, distorcendo uma lógica aguardada.

... Sub-escrevo pedindo licença e fazendo uso para mergulhar nas possibilidades que tal parágrafo me provoca, partindo com o sentido da efemeridade, do ato na ação presente. Na maioria das vezes um texto escrito por alguém da Improvisação como linguagem FIM, desdobra em interrogações, e não certezas, a palavra “talvez” é sempre uma chave para abrir portas de oportunidades.

... Meras coincidências? Talvez sim, talvez não, pois quando estamos na ação aviltamos possibilidades e não desperdiçamos oportunidades. Incidentes fortuitos? Certamente os acidentes estão como os incidentes também, e sendo um jogo composicional, aproveitar dos mesmos pode fazer com que o espaço seja alterado e mude de intensidades. Acasos surgem quando estamos disponíveis e flexíveis para entortar o espaço e assim alterar nossos procedimentos, alguns acasos vem carregados de significados e assim nossa missão por assim dizer é a todo tempo significar, resignificar, designificar e novamente tudo outra vez. Sim pode ser That is it! Sem dúvida, catalisadores filtram e potencializam deixando o ser criativo atuante, trazendo questões inerentes e atadas no presente já redimensionando, reconfigurando o espaço da ação. As mensagens grafadas e grifadas no campo improvisacional são recebidas sinesteticamente, certamente como surgem desta somatória de eventos os endereçamentos saem de nós para um campo dilatado em que tudo se transforma em nós. Ecos e ressoamentos advindos da voz deste campo imanente da criação de uma improvisação...

Quanto podemos escavar de um espaço?

E de uma palavra?

E de uma situação?

E de um determinado e determinante contexto?



Fig. 4 Estudo imprevisível para uma primavera improvisal. Foto: Guto Muniz.



Fig. 5 O Improvisador. Foto: Gil Grossi.

Sobre outro autor, Jose Gil em seu livro **Movimento Total**, no qual ele aborda o movimento dos anos 60, o desejo do corpo real sem dogmas, sem estilização, um corpo gente, um corpo sem hierarquia, um corpo político porque existe simplesmente, um corpo desejo, um corpo comum que dança no teatro ou fora dele, um corpo que rompe e rompendo redescobre e redimensiona seu fazer arte.

Assim a composição em tempo real surge e redescobre e ressignifica a palavra R E A L, reinventa-se o fazer D A N Ç A.

Composição em tempo real

Que Real é este?

Qual sua dimensão?

Para uma localização mais ampla, volto aos anos 60, onde a Nova Dança começou a ganhar entendimento e avançar por terrenos ainda não galgados, sair da espetacularidade e habitar um corpo comum.

Transcrevo o Manifesto de Yvonne Rainer, que foi a grande sacada para virar a chave e deslumbrar novos modos do fazer arte, dança.

"Não ao espetáculo, não ao virtuosismo, não as transformações e a magia e ao uso de truques, não ao glamour e a transcendência da imagem da star, não ao heroísmo, não ao anti heroísmo, não as imaginárias de pechibesque, não ao comprometimento do bailarino ou do espectador, não ao estilo, não as maneiras afetadas, não a sedução do espectador graças aos estratagemas do bailarino, não a excentricidade, não ao fato de alguém se mover ou se fazer mover." (GIL, José. **Movimento Total**. 2004, página 151)

José Gil, em seu Livro **Movimento Total** aborda este REAL com clareza auspiciosa o qual subscrevo um pequeno trecho.

"O que é o real? Brevemente direi que surge em ocasiões excepcionais, quando de uma descoberta que transforma o pensamento ou a existência como acontece no decorrer das terapias psíquicas; ou em momentos revolucionários, quando a percepção das coisas, do espaço e do tempo muda bruscamente; ou por vezes quando o curso dos hábitos se quebra violentamente e os gestos exploram novos movimentos: um outro corpo emerge então. Nestas ocasiões temos a impressão de que um véu recobria a nossa vida anterior: era a realidade, que distinguiremos do REAL. ... Dilatação do espaço do corpo. A palavra liberta-se" (GIL, José. 2004, páginas, 153/154)

Partindo deste pressuposto, o *real* em uma composição em tempo real, ganha potência e vigor de aparição e desaparição, de igualdade perante tudo aquilo que faz e fará parte do acontecimento improvisacional e este corpo se coloca como mais um no espaço, ele transforma em material de ação, de composição, de interrelação e tudo é plausível de acontecer no campo imanente de viver e deixar dançar como se precisa fazer.

A partir deste movimento da Judson Churchill em Nova York, em que muitos dançarinos começaram suas pesquisas e experimentos, a linguagem improvisacional começa a ser tratada, estudada, criando uma nova dança, uma nova abordagem mais perceptiva, sinestésica, envolvendo e avançando tendo o corpo comum, pedestre, como fonte de modos infinitos do fazer, pois deste ângulo ver o espaço, as coisas, alterou todo um modo de mover, resignificando a dança, a nova dança e a Improvisação foram ganhando um lugar precioso no espaço da linguagem Dança.

"... espaço do corpo é a pele que se prolonga no espaço, a pele tornada espaço..." (GIL, José. **Movimento Total**. 2004, página 47)

Discorrendo um pouco mais:

Subscribo um trecho do livro **Cavalo Perdido** do uruguaio Felisberto Hernandez, o qual considero uma aula de improvisação. Este escritor muito me impressionou, seu poder simples de transformar tudo em coisas, coisificar, e veio confirmar para minha pessoa: que tudo fala! O espaço fala! As coisas falam! O que, para meu entender, Improvisação é sim um jogo, onde nossos corpos viram coisas também, fragmentam-se e que exercemos um real desapego da vaidade, da supremacia humana e nos transformamos em coisas, em conexão constante com o mundo, com as coisas do mundo. Tudo é importante!

Explicação falsa de meus contos

"Obrigado ou traído por mim mesmo a dizer de como faço meus contos. Recorrerei a explicações exteriores a eles. Não são completamente naturais, no sentido de não intervir neles a consciência. Para mim isso seria antipático. Não são dominados por uma teoria da consciência. Para mim isso seria extremamente antipático. Prefereria dizer que esta intervenção é misteriosa. Meus contos não tem estrutura lógica. Apesar da vigilância constante e rigorosa da consciência, esta também me é desconhecida. Num dado momento, penso que num canto de mim, nascerá uma planta. Começo a rondá-la, achando que nesse canto se produziu alguma coisa rara, mas que poderia ter futuro artístico. Eu estaria feliz se esta ideia não fracassasse de todo. Contudo,

devo esperar por um tempo ignorado, não sei como fazer a planta germinar, nem como favorecer seu crescimento, nem como cuidar dela, só pressinto ou desejo que tenha folhas de poesia; ou algo que se transforme em poesia, se certos olhos olharem para ela. Devo tomar cuidado para que não ocupe espaço demais para que não pretenda ser bela ou intensa demais mas que seja a planta que ela mesma está destinada a ser e que eu possa ajudá-la a sê-lo. Ao mesmo tempo ela crescerá de acordo com um observador que não se importará muito em querer lhe sugerir intenções ou grandezas demais. Se for uma planta dona de si mesma, terá uma poesia natural desconhecida para si própria. Ela deve ser como uma pessoa que não sabe quanto vai viver, mas que tem necessidades próprias, com um orgulho discreto, um pouco desajeitada, e que pareça improvisada. Ela não conhecerá suas próprias leis, embora as tenha no mais fundo e a consciência não as possa alcançar. Não saberá o grau e a maneira como a consciência intervirá. mas na última instância imporá sua vontade. E ensinará a consciência a ser desinteressada. O mais certo de tudo é que não sei como faço meus contos, porque cada um deles tem vida própria e distinta. mas também sei que eles vivem brigando com a consciência para evitar estranhos que ela lhes recomenda". (HERNANDEZ, Felisberto. 2006, páginas 210/211)

Modos de pensar, fazer, agir, compor estão em todos os campos de expressão sensível e certamente são contaminados pelos modos de viver a vida. Arte e vida são fontes de descobertas. Nesta pequena explicação de Felisberto, percebo o quanto o *não* saber precisa estar presente, o tempo da consciência é distinto do tempo da criação, e para mim é necessário esse *d e s c o l a r* para poder seguir, atrevendo-se ao desconhecido e desta maneira nos tornando mais palpáveis, mais simples e, sem dúvida, mais humanos.

A arte precisa ser torta, assim me reconheço nas obras que admiro, assim me deixo pertencer ao acontecimento e vou enchendo e esvaziando este corpo treinado, pois ele sabe que é e será sempre a primeira vez, sabendo também que não existe um dia igual ao outro.

Neste texto de Felisberto encontro uma dramaturgia possível e o que ele me traz me desloca para o desejo de inventar e me deixar fazer, tendo uma dramaturgia preservando estruturas ventiladas, plausíveis e possíveis de alterações.

Improvisação corpo vivo e atento conectado à vida. Vamos a ela!

Deixar vir à flor da pele a intuição, o instinto para que possam guiar as vontades que se apresentam no espaço da invenção e uma Improvisação.

Sugiro: comecem inventando dramaturgias como quiserem, nesses casos improvisatórios não existem modelos, portanto sejam atrevidos!

Experimentar uma ação de possíveis vôos....



Fig. 6 Peça de uma Lembrança.
Foto: Paulo Cesar Lima.